

**APRENDIZAGEM DE SEGUNDA LÍNGUA E ERROS:
UMA BREVE VISÃO DIACRÔNICA**

Gustavo Estef Lino da Silveira (UERJ)
gutolino@oi.com.br

RESUMO

O objetivo deste estudo é apresentar como o conceito de erro no ensino de línguas vem variando ao longo dos anos. Se metodologias passadas acreditavam que o erro deveria ser evitado a qualquer custo, métodos de ensino mais recentes afirmam que erros fazem parte do processo de ensino-aprendizagem, tornando-se um processo natural e até mesmo positivo. Discutiremos aqui possíveis classificações de erros e como métodos mais recentes envolvendo a Linguística de *Corpus* e programas de computador podem auxiliar-nos a melhor analisar, compreender e tratar os erros. Logo, poderemos dar uma maior contribuição acerca da origem dos erros no processo de aquisição de uma segunda língua e ajudar professores e alunos não apenas a compreendê-los melhor, mas também corrigi-los de forma mais eficaz.

Palavras-chave:

Erros. Linguística Aplicada. Linguística de *Corpus*.

1. Introdução

O presente trabalho tem como objetivo atualizar a visão que professores e alunos têm a respeito dos erros cometidos durante a aprendizagem de uma língua estrangeira. Sendo assim, começaremos por recapitular acerca do que acreditava-se sobre erros antes dos mesmos terem assumido uma conotação positiva no processo de aquisição de uma segunda língua. Tentaremos definir o que vem a ser erro; em seguida, trataremos as classificações de erro segundo alguns autores. E por fim, mencionaremos a concepção de erro sob a análise de programas de computador e o uso da Linguística de *Corpus* para melhor compreendê-los e tratá-los.

2. Uma breve perspectiva histórica do erro

Antes dos estudos mais recentes sobre aquisição de segunda língua (ou L2) que tratam dos erros como parte natural do processo de ensino-aprendizagem, é preciso que retornemos um pouco no tempo até o início do século XX. Naquela época, a teoria behaviorista reinava no ensino de língua estrangeira e pregava que os erros deveriam ser evitados a

qualquer custo durante o processo de ensino-aprendizagem. Seus defensores afirmavam que os aprendizes deveriam receber um estímulo para então produzir uma resposta que deveria ser reforçada. Acreditava-se à época que os erros sofriam interferência da língua materna (ou também chamaremos de L1), palavra esta que possui uma denotação um tanto quanto negativa.

Se para os behavioristas, a língua era aprendida através da aquisição de hábitos, maus hábitos, ou seja, erros, deveriam ser evitados a qualquer custo. Logo, a única forma de saná-los deveria ser através da repetição da forma correta da língua de maneira exaustiva. Isso poderia vir a gerar uma supercorreção do erro causando desmotivação no aprendiz.

Como muitos dos erros tinham como origem a língua materna do aprendiz, surgiram muitos estudos no ramo da Análise Contrastiva (AC), área esta que visava comparar a língua materna do aprendiz com a língua alvo, aquela que se estava aprendendo (ERDOGAN, 2005, p. 262).

A AC floresceu em uma época onde acreditava-se que a comparação entre a L1 do aprendiz e a L2 poderia vir a auxiliar-nos a entender os erros mais comuns que determinados grupos de falantes poderiam cometer. Com isso, os aprendizes poderiam evitá-los, para que os mesmos não interferissem na aprendizagem da língua.

Mais tarde, uma outra vertente da Linguística Aplicada se desenvolveu e originou estudos no ramo da Análise de Erros. De acordo com Erdogan (2005, p. 263) esta “lida com a performance dos aprendizes em termos dos processos cognitivos que estes fazem uso em reconhecer ou codificar o *input* recebido na língua alvo”.

No início dos anos 1970, outras teorias sobre aquisição de segunda língua começaram a surgir, e viu-se, então, que o behaviorismo não dava conta de explicar os fenômenos de aquisição de uma segunda língua baseado apenas em princípios como: estímulo–resposta, *input* e *output*.

Por fim, podemos reiterar que se antes a presença da língua materna durante o processo de aquisição de uma L2 podia ser equiparada a uma interferência, o que pode vir a ter uma denotação negativa; nos estudos atuais, ela é tratada como uma influência e pode vir a ter um caráter mais neutro ou até mesmo positivo.

3. O que é o erro?

Após termos feito um breve resumo acerca do histórico do erro e áreas de estudo que o mesmo originou dentro de Linguística Aplicada, passamos aqui a tentar buscar algumas definições sobre o que seria o erro. É inevitável dizer que todos os aprendizes de uma língua cometem erros. Crianças cometem erros quando aprendem a sua língua materna e assim também os aprendizes de uma segunda língua. Mas o que definiria uma forma linguística como sendo errônea?

Ferris (2002, p. 3) relata que as aulas de composição escrita em L2 tradicionalmente sofreram a influência da Psicologia Comportamental e da Linguística Estruturalista que consistem basicamente em: atividades controladas ou guiadas. Devido a essas influências behavioristas, grande ênfase fora dada à precisão²⁵ dos textos dos aprendizes de L2 fazendo com que os professores corrigissem todos e quaisquer erros tentando evitar que um mau hábito se formasse.

No entanto, Ellis (2000, p. 3-4) ilustra o fato de que nos anos 1970, ao invés de focarem nas formas corretas das composições, parágrafos e frases, ambos os alunos e professores estavam focados no desenvolvimento das ideias, rascunhos, revisões, trabalhos colaborativos e compartilhamento de sucesso. Tal técnica era chamada de “Abordagem do Processo” (*Process-Approach*) a qual acredita que se os alunos escolherem os tópicos acerca dos quais irão escrever e receberem o direcionamento correto tomada de decisões a fim de moldar e polir seus próprios textos, seus produtos finais irão melhorar como uma consequência natural de um processo de escrita mais consciente.

Junto ao advento do Abordagem do Processo nos anos 1970 e 1980, vieram estudiosos como Truscott (1996) afirmar que não havia evidência científica de que os aprendizes se beneficiavam com a correção de erros. Esta tendência levou a uma diminuição na correção dos erros de aprendizes.

No entanto, Ferris (2002) ressalta que a maioria dos professores e alunos de língua estrangeira (LE) acredita no potencial da correção de erros e nos efeitos positivos que tal correção trará ao desempenho geral do aprendiz.

²⁵ Tradução nossa. Do Inglês “Accuracy”. Para Harmer (2007), este seria o grau de correção que um aprendiz pode alcançar ao usar a gramática, vocabulário e pronúncia.

Hoje em dia, parece haver mais ênfase na correção de erros pelos professores que tendem muitas vezes a marcar as formas errôneas e até mesmo corrigir os erros de seus alunos. Poderíamos dizer que houve um retrocesso à uma época behaviorista no processo de correção de erros de aprendizes, em particular na escrita.

Embora o erro seja facilmente localizado pelos professores em um texto de aprendiz de LE, por exemplo, sua definição ainda parece um tanto obscura tanto para docentes quanto alunos, pois muitas parecem ser as origens que resultam em uma construção errônea. Logo, defini-lo pode vir a ser uma tarefa considerada bem difícil.

Os erros podem ser causados pela influência da língua materna, neste caso falamos que houve interferência da língua mãe. Mas há de se convir que a língua materna também pode vir a auxiliar o processo de aquisição de uma segunda língua (ELLIS, 2000, p. 51).

Erros também podem ter sua origem no sobre uso de determinadas formas. Conforme Ellis (2000, p. 52), alguns aprendizes chineses tendem a sobre usar expressões de arrependimento ao se desculpar em Inglês, de acordo com as normas de sua língua materna.

Ferris (2002) ressalta que uma das grandes diferenças entre os escritores de L1 e de L2 é que o falante não nativo comete erros relacionados tanto à transferência negativa de padrões de sua L1 quanto da aquisição incompleta da L2.

A autora afirma ainda que a aquisição de uma segunda língua leva tempo e que ocorre em estágios. Alguns aprendizes podem nunca se assemelhar ao nível de controle de um falante nativo no aprendizado da L2, especialmente se a exposição a L2 for tardia (FERRIS, 2002, p. 5). Um exemplo prático seria que é “irreal esperar que a produção de escritores de L2 será livre de erros ou mesmo quando for, que “soará” como a de um falante nativo”.

Corroborando a ideia da autora, Wilkins (1976) assume que os “Erros são inevitáveis e parte necessária do processo de aprendizagem de uma língua.

No entanto, erros podem vir a indicar uma falha no processo de aprendizagem a partir do momento em que o aprendiz não consegue identificar a forma correta da língua. Os erros estão ligados a um processo de produção inconsciente do aprendiz onde este não tem ciência da forma que deveria ser usada.

O conceito de erro no ensino de LE parece um pouco difícil de ser definido. Primeiro, pelo fato da tradução dos termos do Inglês para o Português, em um breve apanhado na literatura de LA podemos citar três diferentes nomenclaturas para o conceito: *mistake*, *error*, e *slip*. Sendo assim, passemos a tentar traçar uma diferenciação nessas definições.

Para Sprat, Pulverness Williams (2005, p. 44) os erros²⁶ (*mistakes*) podem ser divididos em dois tipos: as falhas²⁷ (*errors*) e os deslizos²⁸ (*slips*). Segundo esta visão, as falhas ocorreriam quando os aprendizes tentam dizer algo que está além do seu atual nível de processamento linguístico. Já os deslizos seriam resultados por fatores como cansaço, preocupação, circunstâncias temporárias ou outras emoções. Com isso, parece ser possível afirmar que os erros seriam um conceito macro e estes englobariam as falhas e os deslizos.

Outra distinção feita pelos autores supracitados seria que o aprendiz não consegue corrigir sua falha porque ele mesmo não entende o que está errado. No entanto, o deslizos pode ser corrigido pelo aprendiz, pois este consegue compreender em que errou.

Já Erdogan (2005) classifica os erros em dois tipos: *mistake*²⁹ e *error*.

Para o autor, o *mistake* seria o erro causado por falta de atenção, cansaço, descuido ou algum outro aspecto da *performance* do aprendiz. *Mistakes* podem ser auto corrigidos pelo aprendiz quando a atenção dele é chamada para a ocorrência.

Já um *error* seria o uso de um item linguístico de uma maneira que um falante nativo ou fluente da língua alvo o consideraria como sendo fruto de uma aprendizagem errada ou incompleta.

Em outras palavras, o autor conclui dizendo que os *errors* acontecem porque o aprendiz não sabe o que está correto, logo, não pode corrigi-lo. Pode-se adicionar a esta conceituação o fato que os *mistakes* já foram tratados pelo professor, pois um dia estes já foram *errors* e houve, então a conscientização do aprendiz para a forma correta.

²⁶ Tradução nossa.

²⁷ Tradução nossa.

²⁸ Tradução nossa.

²⁹ Optamos por não traduzir todos os conceitos para não gerar sobreposição de nomenclaturas e significados.

Se o aprendiz faz uso de ambas as formas corretas e errôneas, Ellis (2000) afirma que se trata de um *mistake*, mas se ele sempre utiliza a forma errônea então trata-se de um *error*.

Como podemos ver parece haver uma sobreposição de conceitos e nomenclaturas entre os mais diversos teóricos que estudam análise de erros em LE. Tal falta de definição e consenso corrobora ainda mais a dificuldade da definição para professores e alunos do que vem a ser um erro.

3.1. Tipos de erros

Após termos tentando fazer um breve levantamento sobre o conceito de erro, passamos a seguir a classificá-los segundo as definições de autores como: Corder (1973), Ferris (2002) e Thornbury (2008).

Corder (*Apud* ERDOGAN, 1973, p. 264) classifica os erros em quatro tipos: omissão, adição, seleção e ordem.

Os primeiros seriam quando um aprendiz omite uma palavra ou um morfema. Os de adição seriam os erros ocasionados pela inclusão de uma palavra desnecessária à frase. Os de seleção seriam quando ocorre uma escolha verbal incorreta e por último, os erros de ordem, seriam aqueles relacionados à posição de adjetivos ou substantivos na frase (referentes ao eixo sintagmático), mas também poderiam ser originados por um erro de ortografia.

Passemos agora, a tratar das definições de erros usadas por Ferris (2002). A autora classifica os erros em quatro subtipos: erros globais e locais; e erros tratáveis e não tratáveis.

Os erros globais seriam aqueles que afetam o entendimento de um texto e erros locais são pequenos erros que não afetam a compreensão do texto (FERRIS, 2002, p. 22).

Já os erros tratáveis são aqueles relacionados a uma estrutura linguística que está relacionada à quebra de uma regra. Ele é chamado de tratável porque o aluno pode ser orientado ao estudo de um livro de gramática, por exemplo, e por meio de um conjunto de regras resolver o problema. Como por exemplo, desse tipo de erro estão os tempos e formas verbais, o uso de artigo, erros de ortografia, pontuação, etc.

Um erro não tratável é idiossincrático. E o aluno precisará utilizar conhecimento adquirido da língua para auto corrigi-lo. Exemplo: “a esco-

lha de palavras erradas, uma estrutura frasal inexistente na língua, seja por adição ou subtração de palavras” (FERRIS, 2002, p. 23).

Logo, podemos dizer que um erro é a falta de precisão na língua-alvo, tanto por interferência da L1 do aprendiz ou pela não aquisição completa da L2 (FERRIS, 2002, p. 25).

Passemos a seguir a mencionar as razões principais pelas quais os erros podem ocorrer: a primeira delas seria pela influência da língua materna do aprendiz, também chamada de interferência ou transferência.

Thornbury (2008, p. 114) descreve dois tipos de transferência: a positiva e a negativa. Para o autor, ambas sofrem influência da LM do aprendiz. No entanto, a transferência positiva não resulta em um erro em si.

Um outro motivo pelo qual os aprendizes erram seria pelo fato destes ainda estarem construindo padrões de regras mentais e aplicarem um mesmo tipo de regra a diversos padrões linguísticos da L2, pois ainda estão desenvolvendo as regras, exceções e singularidades da língua alvo. Este tipo de erro é chamado de sobregeneralização da língua. (SPRAT, PULVERNESS; WILLIAMS, 2005, p. 44). Segundo Wilkins (1976), este tipo de erro é muito característico em aquisição de língua materna.

Thornbury (2008, p. 114) afirma que há três tipos de erros que o aprendiz de uma segunda língua comete: erros lexicais, gramaticais e discursivos.

Para o autor, a primeira categoria envolve os erros de escolha de palavras errôneas pelo aprendiz para o significado que este queria transmitir. Como por exemplo: a escolha da forma errada da palavra. Um aluno pode vir a fazer uso do verbo *think* ao invés do substantivo *thing*, pela semelhança fonológica e gráfica. Também fazem parte desta categoria os erros na ordem natural das palavras, como em português temos primeiro o substantivo e depois o adjetivo e em Inglês o inverso, como em: *girl beautiful*.

O segundo tipo de erro seria o erro gramatical. Estes estão atrelados a forma e modo do verbo. Como podemos ver na estrutura dos seguintes exemplos: a) *the doorbell rangs* e b) *wespeaked*. No exemplo da letra a, houve erro na forma do verbo que não deveria sofrer flexão de 3ª pessoa do singular por estar no passado. Na letra b, o modo como o verbo foi conjugado no passado está errado, por se tratar de um verbo irregular.

O último tipo de erro listado por Thornbury (2008) seria o erro de discurso. Estes seriam erros macro, de construção e coesão textual onde palavras usadas erroneamente como o conectivo *eventually*. Tal uso indevido pode vir a gerar no leitor a falsa impressão de que o texto está perto de sua conclusão, mas por ser um falso-cognato do Inglês pode também ser usada erroneamente com o sentido de “eventualmente”.

Segundo Santos (1996, p. 218), “É justamente o erro que indica que a criança está trabalhando com as formas verbais. E o erro vai sempre na direção da regularização das formas irregulares das línguas”. Exemplo disso seria o fato da inflexão dos verbos na terceira pessoa do singular em Inglês serem um dos últimos morfemas adquiridos por crianças cuja língua materna é o Inglês.

Krashen (1982, p. 11) afirma que a correção de erro tem pouco ou nenhum efeito na aquisição inconsciente de uma língua, enquanto que a correção de erros supostamente ajuda o aprendiz a construir a forma correta das regras da língua.

3.2. Erro e o computador

Passemos adiante a tratar da questão do erro sob a ótica dos programas de computador para auxiliar-nos em sua análise. Muitos estudos de Análise de Erros baseiam suas pesquisas na busca pela influência da LM no processo de aquisição de uma segunda língua, outros estudos veem o erro pelo viés da interlíngua e a interferência da língua materna no desenvolvimento da linguagem do aprendiz.

O fato é que mais atualmente, tais conceitos estão em desuso nos estudos de AE. Hoje, a visão que se tem acerca dos erros é a de: sobre uso, mau uso e sub uso da língua (BERBER-SARDINHA, 2004, p. 266). O autor afirma que “os conceitos de sobre uso e sub uso são indicadores de desvio de um padrão de referência que, em geral, é a linguagem do falante nativo”.

Se há alguns anos o conceito de erro era visto de um ponto de vista avaliativo e muitas vezes como algo a ser evitado; hoje, as pesquisas com a Linguística de *Corpus* leva em consideração uma visão mais neutra do erro tendo como objetivo um caráter descritivo dos casos.

Para Berber-Sardinha (2004, p. 266) “o que muda é o foco, o método e o próprio entendimento da natureza do erro”. Se antes o erro era

julgado e avaliado, hoje ele é descrito e analisado. Se antes ele deveria ser evitado, hoje, sabe-se que ele faz parte do processo de aprendizagem em língua estrangeira.

Para analisarmos o erro é vital analisá-lo dentro de seu contexto de produção. A AE hoje é bem diferente da feita nos anos 1970. Se à época, a análise era descontextualizada levando em consideração o erro de forma isolada; hoje, os erros são investigados de forma contextualizada.

Granger (2006, 2003) afirma em seus estudos que para ser considerado um *corpus* autêntico, não se pode extrair o erro linguístico de seu texto original. Para a autora, os *corpora*³⁰ de aprendizes são feitos de extensões contínuas do discurso e não de palavras ou frases isoladas. Tais extensões contêm ambos exemplos de usos corretos e errôneos da língua.

Os conceitos de sobre uso, sub uso e mau uso podem ser encontrados nas publicações de Granger (2006, 2003). A autora tem focado suas pesquisas nos estudos de *corpora* de aprendiz. Para ela, comparações no estudo de *corpora* de aprendiz passaram da simples descrição do erro para o estudo daquilo que é ou não nativo, em termos do que é usado ou não; do que é usado em excesso e do que é sub-usado. Granger afirma que a Linguística de *Corpus* abre uma perspectiva descritiva para o estudo e a análise de erros linguísticos de aprendizes de Inglês como língua estrangeira já que a criação de *corpora* de aprendizes é um conceito relativamente novo, se comparado com os *corpora* de falantes nativos.

Um dos programas muito utilizados para o pesquisador e professores que querem analisar e tratar erros de aprendizes em grade escala é o *Wordsmith Tools*. O programa permite que o analista de erros insira *corpora* de para trabalhar com listas de palavras, colocações bem e mal sucedidas e textos errôneos. Também é possível a utilização do programa para a elaboração de atividades pedagógicas em sala de aula que utilizem os próprios exemplos de erros produzidos pelos aprendizes, fazendo com que os mesmos tenham uma maior reflexão sobre as formas errôneas e aumentem sua reflexão no processo de aprendizagem de uma L2.

É preciso que, antes de julgarmos a linguagem como sendo correta ou errônea, que levemos em conta fatores extralinguísticos atrelados à produção linguística. “Nem todo mundo usa a “linguagem correta” e, dessa forma, aquilo que não se encaixa no que é correto, simplesmente é

³⁰ Palavra de origem do Latim. Plural de *Corpus*.

considerado como errado” (ALMEIDA, 2010, p. 36).

4. Conclusão

Concluimos ressaltando que o conceito de erros assumiu diferentes posições ao longo da História, passando de um papel coadjuvante a uma atuação mais central no processo de aquisição de uma segunda língua. No entanto, o uso, o tratamento e a correção ainda são frutos de inúmeros debates na área de LA, pois ainda é extremamente difícil chegarmos a um consenso acerca de uma definição precisa do que vem a ser uma unidade errônea. Inúmeros fatores podem vir a influenciar na produção final do aprendiz de uma L2. Por outro lado, o auxílio de programas de computador deu um novo vigor à área da Linguística de *Corpus*, possibilitando não apenas a análise, mas também o tratamento de erros em grande escala através do uso de *corpora* de aprendizes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M. I. *Prosa argumentativa em língua inglesa: um estudo contrastivo sobre advérbios em corpora digitais*. 2010. 152 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

BERBER-SARDINHA, T. *Linguística de corpus*. Barueri, SP: Manole, 2004.

ELLIS, R. *Second language acquisition*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

ERDOGAN, V. Contribution of error analysis to foreign language teaching. In: *Mersin University Journal of Faculty Education*. Turquia, v. 1, ed. 2, p. 261-270, dez. 2005.

FERRIS, D. R. *Treatment of error in second language student writing*. Michigan: The University of Michigan Press, 2002.

GRANGER, S. Using error-tagged learner corpora to create English-specific CEF descriptors. In: CONFERENCE OF EALTA, 3, 2006.

_____. Error-tagged learner *corpora* and CALL: a promising synergy. In: *CALICO Journal*. San Marcos, TX, v. 20, n. 3, p. 1-16, 2003.

HARMER, J. *How to teach English*. Essex, UK: Pearson, 2007.

KRASHEN, S. *Principles and practice in second language acquisition*. California. University of Southern California, Pergamon Press, 1982.

SANTOS, R. A aquisição da linguagem. In: FIORIN, J. L. (Org). *Introdução a linguística*: I. Objetos teóricos. São Paulo: Ática, 1996.

SPRATT, M.; PULVERNESS, A.; WILLIAMS, M. *The TKT course*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

THORNBURY, S. *How to teach grammar*. Essex, UK: Pearson, 2008.

TRUSCOTT, J. The case against grammar correction in L2 writing classes. *Language Learning*. V. 46, p. 327-69, 1996.

WILKINS, D. *Second language learning and teaching*. London: Edward Arnolds, 1976.